



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RIO DE JANEIRO, 16 DE FEVEREIRO DE 1959

NO PALÁCIO DO CATETE, ANTE OS GOVERNADORES DOS ESTADOS DO NORDESTE, AO ANUNCIAR A CRIAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE.

Considero o dia de hoje um dos mais assinalados do meu período presidencial, pois com êle se inicia nova fase da luta pela libertação do Nordeste brasileiro. O Brasil tem derramado lágrimas sobre o destino de milhões de patrícios nossos, obrigados a sofrer as inclemências da natureza madrasta e a participar das agruras de uma existência que encontrou sua expressão mais perfeita e terrível na denominação de "vidas sêcas", que lhe deu um dos mais exatos e implacáveis romancistas do drama nordestino. Vidas sêcas, vidas sem sumo, vidas sem qualquer espécie de conforto...

O Nordeste — no Polígono das Sêcas — foi tema das letras, dos estudos sociológicos, de legenda de bravura e de pitoresco; até agora, tem sido também ponto de convergência de atos de filantropia, de provas de solidariedade humana, traduzidos em fortes ajudas nas horas dolorosas, por parte do Governo Federal e dos Estados. Os remédios, mais de caráter assistencial, não se dirigiam eficazmente às causas do fenômeno. O Nordeste jamais deixou de figurar-se ao nosso país como um problema de consciência. Era uma região digna de particular afeto, sobre cujas desgraças não se dividia jamais a opinião nacional, tôda ela de acordo

111

112

em que os seus habitantes mereciam prioridade na atenção do país, em virtude das suas condições adversas.

113 Esse ânimo de socorrer deu origem a uma série de providências, de inversões maciças de que tratarei mais adiante, defensivas, entretanto, e que não iam muito além da intenção, do desejo, da aspiração de reparar os males. O conhecimento angustioso de que séres humanos, nossos irmãos, eram expulsos de suas terras pela fome, lançava sério desafio à nossa capacidade de resolver o problema.

114 O ato de hoje significa que está, enfim, aceito o desafio. A luta pelo reerguimento do nosso grande Nordeste vai ser travada em toda a sua magnitude, com uma ambição fortificada pelo amor fraterno. Irá ela desenvolver-se com o pleno reconhecimento de que os recursos técnicos de nossos dias patenteiam, auspiciosamente, ter o engenho humano logrado encontrar, para tais problemas, solução que, há menos de meio século, nem mesmo os mais arrebatados ousariam imaginar.

115 Não me caberá outro merecimento, nesta jornada, que o de ter-me capacitado de que já se tornou madura para uma operação global a questão do Nordeste brasileiro. Os investimentos destinados a reparar os efeitos das desgraças periódicas das estiagens cruéis, as incertezas de medidas tomadas ao imprevisto de dolorosas circunstâncias, toda a história que se vem repetindo na longa e desesperada luta com as desventuras nordestinas, foram consequência de uma incompreensão natural e, mesmo, da impossibilidade de encontrar os remédios drásticos a serem aplicados. Vamos dar início a uma fase dinâmica da luta, e, se Deus quiser, criadora de uma nova ordem de coisas que há de conduzir a uma prosperidade estável.

116 Vamos enfrentar o mal do subdesenvolvimento, tomando de assalto aquelas regiões, cujos habitantes

fluem e refluem tangidos pela miséria, e em que é cruel o clima, pouco dadiosa a gleba, áspera e dura a vida. Já temos uma posição definida em matéria de política externa, com a Operação Pan-Americana. O Brasil não a adotou e defende pela simples ambição de distinguir-se ou conquistar louros. Conhecemos o mal em nossas próprias fronteiras, na carne da nossa carne, na alma de nossa alma — sim, o mal da miséria enquistado em legiões de brasileiros, vítimas do infotúnio, mas de sóbria e altiva dignidade, armados de um estoicismo que não teme o cotejo com o de outros povos. Não seria coerente pregar uma política de libertação radical do continente e tolerar, por mais tempo, os nossos graves males domésticos.

A política defendida pelo Brasil e apoiada por tantas nações irmãs encontra exata correspondência na guerra ao subdesenvolvimento em território nacional.

Depois que a Nação assistiu ao encontro das turmas que abriram na floresta selvagem o primeiro caminho por onde se realizará a redenção do mundo amazônico; depois que as grandes obras prometidas passaram de projeto a execução — Furnas, Três Marias e outras —, a promessa solene de acelerarmos o progresso do Brasil de cinqüenta anos em cinco deixou de provocar a ironia e os risos negativos dos descrentes. Creio que ninguém duvidará de que envidaremos um esforço pertinaz contra os fatores que tornam adversa a vida no chamado Polígono das Sêcas. Ao movimento de alta envergadura que hoje inicio, darei, pelo menos a mesma prioridade que dei às principais metas de meu Govêrno.

Não me levam a essa emprêsa apenas razões de ordem sentimental, ou dever de solidariedade, ou motivos de natureza política. A verdade — e foi nesse plano que coloquei a decisão de meu Govêrno — é que, se o Nordeste necessita da ação do resto do Brasil, o Brasil, por sua vez, necessita do Nordeste.

117

118

119

- 120 Não seremos jamais o país que, a despeito de tudo, desejamos ser, sem que se realize integralmente o trabalho que neste momento se inaugura depois de estudos demorados. A caminhada que hoje dá o seu primeiro passo é fruto de meditação, de estudo, de planificação técnica. Não iniciamos uma viagem de aventura por mares desconhecidos, ao sabor dos ventos, mas vamos seguir uma rota balizada por aparelhos de precisão que nos permitirão surpreender as dificuldades ao longe, evitando a perda de tempo e de recursos preciosos.
- 121 Levamos uma grande vantagem — a de caminharmos de olhos abertos, certos de que não encontraremos apenas obstáculos e canseiras. A tarefa, assaz complexa, excede os limites das medidas administrativas convencionais. Teremos de enfrentar inúmeros fatôres que hão de oferecer resistência por vêzes extremamente graves.
- 122 Numa apreciação histórica do combate às sécas, pode-se tomar como referência o ano de 1922, quando o governo Epitácio Pessoa empreendeu a primeira tentativa sistemática de neutralização dos seus efeitos. Desde então, impressionante soma de recursos públicos tem sido canalizada para atender às necessidades de emergência das populações flageladas.
- 123 Tal esforço repetido de mobilização de verbas federais não logrou melhorar substancialmente as perspectivas do homem nordestino, eternamente apreensivo em relação à visita do castigo climatérico. Na verdade, a intervenção do Governo Federal, na maioria dos casos, orientou-se por critérios meramente assistenciais, para auxiliar a socorrer multidões desempregadas e famintas, como se o Nordeste estivesse pedindo caridade e, não, reclamando justiça.
- 124 O Nordeste sempre aspirou a ser não apenas uma abstração geográfica, dotada de peculiaridades folcló-